

**OS CONTEÚDOS ESCOLARES E A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS:
CONTRIBUIÇÃO À TEORIA HISTÓRICO-CRÍTICA DO CURRÍCULO¹**

**THE SCHOOL CONTENTS AND THE RESURRECTION OF THE DEAD:
CONTRIBUTION TO THE HISTORICAL-CRITICAL THEORY
OF THE CURRICULUM**

**LOS CONTENIDOS ESCOLARES Y LA RESURRECCIÓN DE LOS MORTOS:
CONTRIBUCIÓN A LA TEORÍA HISTÓRICO-CRÍTICA DEL CURRÍCULO**

**Marcos Vinicius Francisco*

***Erika Porceli Alaniz*

****Cinthia de Sousa Noguchi*

O Professor Newton Duarte graduou-se em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em 1985. Em 1987 e 1992, respectivamente, concluiu o Mestrado em Educação pela UFSCar e o Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Desde 1988 é docente da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Araraquara, onde obteve em 1999 o título de Livre-Docente e em 2009 foi nomeado para o cargo de Professor Titular. Realizou pós-doutorado na Universidade de Toronto, Canadá (2003-2004) e foi pesquisador visitante na Universidade de Sussex, Inglaterra (2011-2012). É líder do grupo de pesquisa Estudos Marxistas em Educação e pesquisador associado ao *Institute for the Humanities, University of Simon Fraser*, Vancouver, Canadá. É autor de livros, capítulos de livros e artigos, publicados no Brasil e no exterior.

Dentre os seus trabalhos, nessa resenha far-se-á uma análise do livro “Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo”, por entender que tal produção explicita e sintetiza de maneira consistente os posicionamentos por ele defendidos, ao longo de sua atuação profissional. Na apresentação da obra supracitada,

¹Resenha crítica de DUARTE, Newton. *Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo*. Campinas: Autores Associados, 2016.

*Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente. Atualmente é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). E-mail: marcos_educa01@yahoo.com.br

**Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). E-mail: a.porcelierika@gmail.com

***Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). Atualmente é mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). Bolsista capes. E-mail: ctnoguchi2@gmail.com

↻ Nuances: estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 28, n. 3, p. 327 - 331, Set./Dez, 2017. ISSN:2236-0441
DOI: 10.14572/nuances.v28i3.5724

Duarte sinaliza que ela foi organizada em duas partes, constituindo-se de um total de sete capítulos: na primeira, analisa aspectos da dialética como fundamento da teoria histórico-crítica do currículo e, na segunda, estabelece relação dialética entre a vida humana e os conteúdos escolares.

No capítulo 1, *O trabalho educativo como reprodução dialética da humanidade*, o autor discute o conceito de reprodução na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, diferenciando-o do sentido conferido ao termo pela lógica formal. Esclarece que reprodução não significa a posição passiva do sujeito submetido ao mimetismo, a cópia ou a transposição da realidade, tal como ela se apresenta no mundo fenomênico, mas, ao contrário disso, o autor utiliza-se do método do materialismo histórico dialético para indicar o movimento dos contrários inerente a toda prática social. Na perspectiva defendida por Duarte, a reprodução traz em si duas dimensões como face da mesma moeda, quais sejam: conservar o que foi produzido e objetivado historicamente pelo conjunto da humanidade expresso na cultura, ao mesmo tempo em que pressupõe a transformação das potencialidades humanas do indivíduo no processo de apropriação dessas objetivações.

No capítulo dois, *A dialética entre escola e revolução*, Duarte enfatiza o papel da pedagogia histórico-crítica, na luta pela revolução socialista, sendo a educação um meio para tal. Embora, tal perspectiva, frente ao seu caráter revolucionário, tenha sido contestada por alguns segmentos da própria esquerda, ele refuta os argumentos de que “essa pedagogia teria uma visão reformista do processo de transformação social” (DUARTE, 2016, p. 23). Posto isso, faz a defesa de que os processos de escolarização precisam oportunizar aos filhos da classe trabalhadora o acesso aos conteúdos clássicos, em suas formas mais desenvolvidas, por meio da ciência, da arte e da filosofia. Tal perspectiva assevera-se como anticapitalista, uma vez que a educação escolar deve corroborar para a universalização do conhecimento, embora “a escola por si só não faz a revolução, mas lutar para que a escola transmita os conteúdos clássicos é uma atitude revolucionária” (DUARTE, 2016, p. 27). Nesse sentido, o autor reforça a revolução como um meio para a universalização e concretização do trabalho educativo, *pari passu*, deve-se reconhecer que por mais radical que seja esse trabalho no atual sistema de organização social, ele estará limitado, já que expressará contradições presentes na luta de classes.

No terceiro capítulo, intitulado *Vigostki e a pedagogia histórico-crítica: a dialética do desenvolvimento psíquico*, Duarte contrapõe a lógica adaptativa do desenvolvimento humano, assinalando, com base nos pressupostos da psicologia histórico-cultural, que o indivíduo opera sobre as forças da natureza a fim de satisfazer suas necessidades, processo esse que modifica tanto a natureza quanto o próprio indivíduo. Trata-se de um desenvolvimento que parte “do em si ao para si, isto é, do espontâneo ao intencional” (DUARTE, 2016, p. 40). A psicologia histórico-cultural compreende que quanto maior for a capacidade de controle sobre o próprio psiquismo, mais desenvolvido psicologicamente o indivíduo há de ser considerado.

Em continuidade a tais discussões, na segunda parte do livro, no capítulo quatro, “*O ensino escolar como ressurreição dos mortos*”, Duarte convida os leitores a desconstruírem os argumentos que enfatizam que os currículos escolares são compostos por conteúdos “prontos e acabados”, por sua vez, desconectados da vida dos estudantes, ao não priorizarem a dimensão ativa da aprendizagem. Defende que o ensino dos conteúdos escolares numa visão de mundo materialista, histórico e dialética é uma atividade intencional, sendo o trabalho educativo entendido como espaço para o processo de apropriação dos conhecimentos produzidos historicamente, esses que são considerados pelas pedagogias centradas no “aprender a aprender” como “mortos” e obsoletos. Prossegue dizendo que não há como considerar os produtos da atividade social humana como coisas inertes e desvinculadas da prática social. Posto isso, “as ciências, as artes e a filosofia fazem parte da história humana e, portanto, carregam as contradições geradas pela luta de classes que tem marcado até aqui o desenvolvimento histórico”, daí a importância de se considerar “o movimento entre o que existiu, o que existe e o que pode vir a existir”. (DUARTE, 2016, p. 64).

O Capítulo 5, *Os conteúdos escolares e a transformação da água em vinho*, traz uma analogia com a parábola bíblica, extraída de Vigotski, para indicar que os verdadeiros milagres são as transformações que os seres humanos realizam no mundo e que, nesse processo dialético, modificam sua própria condição psíquica de compreensão da realidade. O conhecimento deve ser *desfetichizador*, no sentido de concebê-lo como criação humana e como instrumento capaz de formar a consciência e desvendar a realidade para além da aparência mistificadora e da religião. Com base em Saviani, o autor indica que os conteúdos escolares devem ultrapassar a abordagem da luta de classes em sentido estrito e selecionar conhecimentos amplos que expressem as formas mais desenvolvidas no campo da Ciência, da

Arte e da Filosofia. Para o autor, a educação tem a função de promover uma transformação no psiquismo humano ao mediar às condições para superação da vida cotidiana para a esfera não cotidiana. A passagem da esfera do saber cotidiano, onde o sujeito está imerso e submetido às determinações fenomênicas, para a apropriação das produções humanas universais pressupõe um processo catártico de negação da condição anterior e não apenas uma evolução linear. A realização da catarse faz-se pela mediação da abstração na compreensão da prática social. Com base em Vigotski e Lukács, o autor menciona que a Arte tem um papel fundamental na transformação das emoções humanas, pois eleva a um nível superior a subjetividade de cada indivíduo, assim como a ciência altera a compreensão do mundo concreto.

Em “*Os conhecimentos escolares e a concepção de mundo*”, o autor retoma os princípios da pedagogia histórico-crítica quanto à socialização dos conteúdos clássicos, apontando a relação da prática educativa com a formação da concepção de mundo, a qual se caracteriza por “conhecimentos e posicionamentos valorativos” (DUARTE, 2016, p. 99) acerca de si e do mundo. A concepção de mundo possui caráter individual e coletivo, uma vez que se constitui a partir das experiências singulares do indivíduo, as quais abarcam em si as heranças do gênero humano. A concepção apresenta-se desde o nível mais elementar, o senso comum, até o nível mais elaborado, o da consciência filosófica. A formação de uma concepção em suas formas mais elaboradas ocorre pelo processo de superação por incorporação “das formas cotidianas em que se organiza o pensamento” (DUARTE, 2016, p. 104).

Por fim, o capítulo “*A liberdade na pedagogia histórico-crítica e o currículo escolar*” complementa as discussões empreendidas no anterior. Duarte enfatiza que dentre as principais ideias que balizam uma concepção de mundo está à liberdade, foco de análise frente à tradição marxista. A liberdade é um processo social que contempla a objetividade e a subjetividade. Para alcançá-la os seres humanos não devem negar a objetividade da natureza, mas conhece-la e dominá-la. Para compreender a realidade externa, os homens precisam dominar sua atividade de maneira consciente, frente à necessidade de ultrapassarem o senso comum, via catarse.

Um dos grandes méritos da obra apresentada, refere-se ao fato de considerar o desenvolvimento do psiquismo humano atrelado à atividade educativa de caráter intencional,

frente ao atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas do sistema capitalista. Assim, Duarte considera a dimensão histórico-social do psiquismo humano e indica que não se trata, nesse caso, de um indivíduo abstrato, como apregoado por muitas vertentes psicológicas, mas de um indivíduo que se constitui com base nas múltiplas mediações de natureza política, histórica e social. Há que se ressaltar, ainda, que o livro agrega contribuições ao conjunto da produção científica no âmbito do materialismo histórico dialético, que apesar de ter a sua especificidade, problematiza o papel da educação na superação do sistema capitalista, com vistas à construção da sociedade comunista.

Tendo em vista à clareza e linguagem acessível do texto, indica-se que ele seja lido por aqueles(as) que estão iniciando seus estudos na pedagogia histórico-crítica, assim como por pesquisadores da área, uma vez que Duarte faz uma síntese dos principais debates teóricos e epistemológicos produzidos no Brasil, nas últimas três décadas, sobre a perspectiva mencionada.

Recebido em maio de 2017

Aprovado em dezembro de 2017